

O FUTEBOL DE MULHERES NA IMPRENSA BRASILEIRA NA DÉCADA DE 1990

El fútbol de mujeres en la prensa brasileña de la década de 1990

Women's soccer in the 1990's Brazilian press

Bruna Rafaella Esporta FERNANDES¹  · Edivaldo GOIS JUNIOR² 

Evelise Amgartem QUITZAU³ 

¹ Rede Pública Estadual de Educação do Estado de São Paulo (Brasil)

² Universidade Estadual de Campinas (Brasil)

³ Universidad de la República Uruguay (Uruguay)

Resumo

A década de 1990 é um período importante para a institucionalização do futebol de mulheres no Brasil. Impulsionado pela realização da primeira edição da Copa do Mundo de Futebol Feminino na China (1991) e pela introdução da modalidade nos Jogos Olímpicos de Atlanta (1996), o futebol de mulheres passou a aparecer nas páginas esportivas de jornais brasileiros de grande circulação. O objetivo deste artigo é analisar as representações da mídia impressa brasileira sobre o futebol de mulheres, na década de 1990, a partir das notícias que envolviam sua prática especialmente no contexto de sua seleção nacional. Para isso, foram selecionados dois jornais de grande circulação: *O Estado de S. Paulo* e o *Jornal do Brasil*. Conclui-se que as representações do futebol de mulheres na mídia impressa transitavam entre a erotização do corpo das jogadoras e o estranhamento àquelas que não se adequaram a determinados padrões considerados socialmente como aceitos, observando-se claros indícios de lesbofobia na imprensa brasileira.

Palavras-chave: História das mulheres, História do esporte, Imprensa, Brasil .

Resumen

La década de 1990 es un periodo importante para la institucionalización del fútbol de mujeres en Brasil. Impulsado por la primera edición del Mundial Femenino en China (1991) y la introducción de este deporte en los Juegos Olímpicos de Atlanta (1996), el fútbol de mujeres comenzó a aparecer en las páginas deportivas de los principales periódicos brasileños. El objetivo de este artículo es analizar las representaciones de los medios impresos brasileños sobre el fútbol de mujeres en la década de 1990, a partir de las noticias que involucran su práctica especialmente en el contexto de su selección nacional. Para ello, se seleccionaron dos periódicos de gran circulación: *O Estado de S. Paulo* y *Jornal do Brasil*. Se concluyó que las representaciones del fútbol femenino en los medios de comunicación impresos se movían entre la erotización de los cuerpos de las jugadoras y el distanciamiento hacia aquellas que no se ajustaban a ciertos estándares considerados socialmente aceptados, observándose claros signos de lesbofobia en la prensa brasileña.

Palabras clave: Historia de las mujeres, Historia del deporte, Prensa, Brasil.

Este é um artigo de acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Attribution-Noncommercial-No Derivatives (<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>), que permite a reutilização, distribuição e reprodução não comercial em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada e não seja alterada, transformada ou construída de qualquer forma.

Abstract

The 1990s are a crucial period for institutionalizing women's soccer in Brazil. Driven by the first edition of the Women's World Cup in China (1991) and the introduction of the sport in the Atlanta Olympic Games (1996), women's soccer started to appear on the sports pages of major Brazilian newspapers. This article aims to analyze the representations of Brazilian printed media about women's soccer in the 1990s, based on the news involving its practice, especially in the context of the national team. For this purpose, two prominent circulation newspapers were selected: *O Estado de S. Paulo* and *Jornal do Brasil*. It was concluded that the representations of women's soccer in the printed media moved between the eroticization of the players' bodies and the estrangement to those who did not fit specific standards considered socially accepted, observing clear signs of lesbophobia in the Brazilian press.

Keywords: History of women, History of Sport, Press, Brazil.

Introdução

Este artigo tem como objetivo analisar e problematizar as representações da mídia impressa sobre o futebol de mulheres¹ na década de 1990, tendo como pano de fundo os noticiários que envolviam a prática de futebol por parte de mulheres e sua seleção nacional. No início da década de 1990, parte da imprensa escrita desdenhava da capacidade técnica e esportiva de mulheres na prática do futebol. Um exemplo pode ser observado no seguinte excerto do *Jornal do Brasil*:

Com a decisão de se passar a incluir o futebol feminino já nas próximas Olimpíadas de Atlanta, em 1996, o Comitê Olímpico Brasileiro bem poderia começar logo a dar os primeiros passos para organizar o quanto antes a participação nacional nessa nova modalidade olímpica. Como o Brasil não tem nenhuma tradição no futebol feminino e dificilmente conseguirá alguma medalha mesmo treinando furiosamente nos próximos quatro anos, esta coluna sugere que se forme um time de gatas de primeira linha para, pelo menos, arrasar de alguma forma em campo (Ouro... 1992, 3).

Muitas foram as conquistas, lutas e transformações ocorridas na história das mulheres brasileiras ao longo do século XX no campo esportivo (Souza e Capraro 2020; Goellner, 2003; 2005; Goellner e Kessler 2018; Anjos et al. 2018; Rigo; Guidotti; Theil; Amaral 2008). Cabe destacar também que, a partir desse momento, começava a se observar uma maior participação de mulheres em modalidades esportivas até então dominadas por homens. Com isso, os jornais passavam a noticiar e destacar cada vez mais a participação das mulheres no cenário esportivo, como fez *O Estado de S. Paulo*:

Atlanta pode ser palco de um momento histórico no esporte nacional: a conquista da primeira medalha olímpica por uma mulher brasileira. As chances nunca foram tão grandes, principalmente no vôlei de praia, basquete, vôlei e judô. No total, são cerca de 60 atletas do País que vão brigar para subir no pódio (Nossas atletas... 1996, 10).

A década de 1990 foi particularmente relevante para o desenvolvimento do futebol de mulheres em termos internacionais (Goellner 2021; Hofmann e Sinning 2016; Onwumechili 2011), pois neste período ocorreram eventos significativos para esse esporte, como a realização da 1^a Copa do Mundo de Futebol Feminino, a formação da primeira seleção de mulheres pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) — ambas em 1991 —, além da inserção da modalidade nos Jogos Olímpicos 1996, realizados em Atlanta, nos Estados Unidos. Tais fatos demandaram uma institucionalização do futebol de mulheres no país, bem como a participação e a organização de eventos esportivos

¹ A utilização do termo futebol de mulheres em oposição à utilização de “futebol feminino” para versar sobre esse esporte ainda está em discussão. Para Cláudia Samuel Kessler (2012, p. 240-241) a expressão “futebol de mulheres” foi cunhada com o objetivo de reflexão sobre uma feminilidade normativa no campo esportivo. Nos termos da autora a “utilização da expressão ‘feminina’ carrega referências ligadas à sexualidade e à feminilidade normativamente impostas” (Kessler, 2012, p. 240). Kessler (2012) a partir da expressão “feminino”, expõe alguns pontos que perpassam não só o futebol, mas os esportes praticados pelas mulheres. Porém, ainda que esta pesquisa corrobore com o pensamento da autora, a expressão futebol feminino continuará sendo adotada, sempre que for recorrente nas fontes.

nacionais e internacionais (Goellner 2021). Um futebol que compreendeu as mais diversas práticas em distintos espaços, ocorreu nos campos, nas quadras e nas praias, contextos que envolveram jogadoras que faziam ou fizeram parte da seleção e, conseqüentemente, ajudaram a constituir a base daquela equipe. Para representar e construir uma narrativa histórica acerca do futebol de mulheres brasileiro deste período é necessário também admitir que havia uma correlação entre esses eventos. Por isso interrogamos as fontes no sentido de compreender como uma parte da imprensa, caracteriza pela grande mídia, escrita promoveu determinadas representações sobre as mulheres no futebol, em particular em sua seleção nacional.

Esta pesquisa historiográfica teve como fonte os jornais. A imprensa escrita como voz dos jornalistas e ouvidos dos leitores, em sua maioria formada por homens, contribuiu para a luta entre as diversas representações² sobre as mulheres no campo esportivo nacional ao tratar das práticas de futebol jogado por mulheres. Na análise das fontes, tenta-se explorar ao máximo as lacunas, as consistências e as fraturas desta história.

Para isto, em termos metodológicos, a perspectiva das representações da mídia impressa³ procede nesta pesquisa a partir da análise, principalmente, de dois periódicos⁴ diários de grande circulação: *O Estado de S. Paulo* e o *Jornal do Brasil*. Eles eram reconhecidos por sua visibilidade nacional no período e abarcavam um leque variado de notícias. Ademais, os dois jornais continham publicações específicas sobre esporte.

A escolha destes jornais não aconteceu de forma arbitrária. São Paulo foi um dos estados em que o futebol de mulheres passou a ter certa visibilidade e apoio para que acontecesse. Conseqüentemente, *O Estado de S. Paulo*, publicado na capital paulista — metrópole economicamente e culturalmente importante para o país — abordava em suas páginas o desenvolvimento desse esporte naquele estado. Já o *Jornal do Brasil* reverberava os variados campeonatos de futebol disputados pelas mulheres nas praias e campos do Rio de Janeiro, dando-lhes considerável protagonismo.

Assim, sob a luz do que é marcante nas fontes, as categorias de análise da pesquisa foram formadas a partir do corpus documental. Em um primeiro contato com os documentos, despontaram duas categorias: erotização das mulheres e uma normatização de seus comportamentos, que foram organizadas em dois tópicos: o primeiro aborda o destaque que parte da mídia impressa dava para a relação entre futebol de mulheres e sua erotização e outro que vislumbra, em particular, a questão da normatização de comportamentos considerados adequados em uma “luta de representações” (Chartier 2002) sobre os papéis sociais estipulados arbitrariamente às mulheres.

Mulheres belas, belas mulheres

No período no qual o futebol de mulheres tentava se consolidar no Brasil, parte importante da imprensa escrita destacava a falta de tradição do selecionado brasileiro e silenciava sobre a irregularidade desse esporte no país. Além disso, desconsideravam que a prática do futebol de

² Na perspectiva do historiador Roger Chartier (2002) as representações, “embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.” (Chartier 2002, 17). Havendo, assim, lutas simbólicas em relação às representações sobre o futebol e aquelas mulheres por parte dos jornalistas, que ressaltavam papéis antigos ou estabeleciam novos, consolidando ou não grupos, discursando a favor ou contra. Os periódicos, suas personagens e entidades, quando abordadas, manifestavam-se do jeito que melhor lhes favoreciam, fundamentados em conceitos e preceitos diversos.

³ A utilização da mídia impressa como fonte para este trabalho valeu-se da exercício de crítica da historiadora Tania Regina de Luca (2006), que não limita a análise à extração de um ou outro texto de autores isolados, por mais representativos que sejam, “mas antes prescreve a análise circunstanciada do seu lugar de inserção e delinea uma abordagem que faz dos impressos, a um só tempo, fonte e objeto de pesquisa historiográfica” (Luca 2006, 141).

⁴ Acerca da posição política dos jornais, tem-se que O Estado de S. Paulo teve e tem uma linha editorial liberal nos campos político e econômico (Capelato e Prado 1980), criado no século XIX, é um dos jornais de grande circulação em São Paulo e no país. O Jornal do Brasil também foi um periódico impresso de grande circulação no país, sediado na cidade do Rio de Janeiro. É identificado pelas características de uma grande imprensa mercantil, criado no final do século XIX, nas suas origens era um diário monarquista (Spannenberg e Belafonte Barros 2016).

mulheres por parte de seleções nacionais ainda era incipiente no mundo todo (Goellner 2021; Hofmann e Sinning 2016; Onwumechili 2011) se comparada aos selecionados do futebol masculino, que já disputavam torneios como a Copa do Mundo desde a década de 1930. A recente participação e progressão mundial do futebol jogado pelas mulheres foi destacada em uma reportagem, em que os EUA estavam sendo considerados uma potência nesse esporte e vinham de uma prática mais efetiva do futebol desde a ida de Pelé para a equipe do Cosmos. Assim aclarou o *Jornal do Brasil* sobre a contemporaneidade do futebol de mulheres pelo mundo e no Brasil:

Enquanto as brasileiras estavam sem jogar desde 1988, as adversárias, ao contrário, se mantinham em atividade, disputando campeonatos em seus países, além de torneios internacionais. A Suécia conta com 600 mil jogadoras em quatro divisões. Quase o mesmo número da Noruega e da Alemanha. Apesar de só praticar efetivamente o futebol com a chegada de Pelé ao Cosmos, em 1975, os Estados Unidos já contam com quatro milhões de jogadoras (Brasil não acompanha... 1991, 34).

O jornal contribuía assim para entender que o futebol jogado pelas mulheres detinha mais visibilidade a partir daquelas décadas de 1980 e 1990. Para exemplificar isso, traz o mundial organizado pela Confederação Asiática em 1988, período que, em relação à notícia acima, era consideravelmente curto para identificar uma tradição. Após aquela competição, alguns países participantes, mas não o Brasil, continuaram a prática do futebol de mulheres com campeonatos fixos, mesmo sem prévia confirmação de que um mundial seria realizado pela FIFA em 1991, como destacado pelo *Jornal do Brasil* naquela mesma notícia, e pelo periódico local *O Fluminense*:

A Noruega foi a campeã do torneio mundial realizado em 1988, também na China, sob o patrocínio da Confederação Asiática. A Suécia e o Brasil, que estão na mesma chave, conquistaram respectivamente o segundo e o terceiro lugares. Todos os participantes do mundial, com exceção do Brasil, têm campeonatos permanentes de futebol feminino (China... 1991, 10).

Nesse sentido, os jornais indicavam que a ascensão do futebol como prática profissional entre as mulheres, mesmo em um contexto internacional, também era incipiente. No caso brasileiro, a seleção feminina já participava de competições mundiais — ainda que sem o respaldo necessário — buscando por mais visibilidade, sobretudo, em relação ao futebol masculino, que contava com distinto apoio. Este quase abandono institucional em comparação à modalidade masculina era evidenciado pelas fontes jornalísticas. Expunha *O Estado de S. Paulo*: “A razão da alegria não está nos salários. Para integrar a seleção, elas recebem da CBF uma ajuda de custo mensal [...] Nos clubes — e a maioria não tem clube — a situação é ainda pior [...]” (Mulheres... 1991, 41).

Segundo Salvini e Marchi Júnior (2016), parece ser recorrente a falta de campeonatos regulares para o futebol de mulheres. Estas dificuldades eram também evidenciadas pelo jornal *O Estado de S. Paulo*. O noticiário, em 1995, trazia a fala de Cenira sobre o pouco reconhecimento e a irregularidade dos clubes brasileiros. *O Fluminense*, um diário local do estado do Rio de Janeiro, de Niterói, expôs as contestações da jogadora sobre a instabilidade do futebol de mulheres no país e uma possível aceitação de propostas para jogar fora do Brasil.

[...] Ela afirma que se agora receber outro convite para atuar no Exterior, irá na mesma hora. Pois lá fora o futebol feminino é reconhecido. Cenira contou, ainda, que os clubes de futebol do Rio estão desfeitos. Isso deve-se ao pouco incentivo que recebem de empresas. Seria preciso que multinacionais resolvessem patrocinar o futebol feminino carioca, pois assegura que em pouco tempo eles teriam o retorno esperado (Cenira... 1995, 11).

Os jornais mostravam, assim, as descontinuidades de um esporte que ainda engatinhava no país. Evoca-se a década de 1980 e a memória do Esporte Clube Radar, que tinha em seu quadro o empresário Eurico Lira, foi mentor e criador desta equipe de futebol de mulheres no ano de 1981. A equipe alavancou o futebol de mulheres no Brasil naquele período, de tal forma que a revista *Placar*, especializada em assuntos esportivos, evidenciou numerosas vezes o futebol de mulheres nesta década, noticiando, especialmente, as atividades do Radar. (Salvini e Marchi Júnior 2013).

A despeito de todo o patrocínio, visibilidade e destaque alcançados pela equipe organizada pelo Esporte Clube Radar na década de 1980, a realidade era que não havia um apoio institucional consolidado, inclusive por parte da instituição regente do futebol no país, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Assim, o Radar não conseguiu se manter por muito tempo, encerrando suas atividades logo após ser a base da equipe que representou o Brasil no campeonato mundial da China, no ano de 1988, em que conquistou o 3º lugar. (Salvini e Marchi Júnior 2013).

É necessário observar com atenção o tratamento recebido por esse esporte na mídia impressa no início dos anos de 1990. Desse modo, convém retomar a matéria do *Jornal do Brasil* citada no início deste artigo sobre a introdução do futebol de mulheres nos Jogos Olímpicos, publicada em uma página não esportiva e exclusivamente voltada para o público feminino. O texto ressaltava, nas entrelinhas, um destino específico para as mulheres, o de mostrar uma sensualidade, enaltecendo apenas algumas formas de ser mulher, mesmo que houvesse tantas outras. A coluna explicitava isso citando nomes de pessoas do mundo artístico, mostrando suas intencionalidades ao sugerir quem deveria estar à frente da prática daquela modalidade:

Como o Brasil não tem nenhuma tradição no futebol feminino e dificilmente conseguirá alguma medalha mesmo treinando furiosamente nos próximos quatro anos, esta coluna sugere que se forme um time de gatas de primeira linha para, pelo menos, arrasar de alguma forma em campo. [...] No gol, Valéria Monteiro; nas laterais Isadora Ribeiro e Silvia Pfeiffer; Luma de Oliveira e Luiza Brunet como zagueiras; Xuxa e Vera Fischer de atacantes; como meias-de-campo, Doris Giesse, Celyta Jackson, Bruna Lombardi e Claudia Raia. (Ouro... 1992, 3).

As disputas por validar um futebol jogado pelas mulheres eram constantes. A associação entre jogadoras de futebol e sua erotização era expressa em uma seleção de mulheres sem nenhuma relação com a prática esportivas, mas consideradas modelos de belezas em suas atividades artísticas na televisão. Nessa perspectiva, a coluna anulava e deslegitimava a prática do futebol das jogadoras quando valorizava a sensualidade das mulheres apresentadas. Ainda que estivesse em uma página voltada para o público feminino, a matéria direcionava-se para um olhar masculino, reduzindo a participação de mulheres no futebol a recomendações baseadas em uma representação de beleza feminina.

A sensualidade como uma das representações imputadas à mulher esportista não é um fato atual, pois elas estavam presentes, por exemplo, na década de 1940. O conceito do que é ser mulher, assim como as expectativas a esse respeito, foram sendo modificados no transcorrer desse período. O cinema e a fotografia, por exemplo, estabeleciam a partir daquele momento novas percepções sobre o corpo da mulher: sua figura, dotada de beleza e sedução, é transformada em símbolo de consumo social (Goellner 2003). Essa imagem seria alterada nos anos 1970, quando a figura da mulher passa a ser vinculada à ostentação de um corpo erótico (Goellner 2005).

Em particular nos anos de 1990, parte da mídia impressa ressaltava a representatividade erótica do corpo das mulheres no esporte. No *Jornal do Brasil* havia um entusiasmo para apresentar mulheres que praticavam este esporte e representavam certo ideal de feminilidade. Tomaram conta do noticiário as consideradas belas e sensuais. Já no título da matéria — “Gatinhas muito boas de bola” —, o jornal erotizava os corpos das mulheres, tratando-as como “gatinhas”, o que indicava que elas eram julgadas atraentes. A matéria seguia valorizando uma sensualidade que, supostamente, estava associada às mulheres:

[...] Deslumbrantes e arrasadoras, as modelos que debandaram de outras agências causando o maior tititi no mundo da moda prometem seu primeiro grande show aos cariocas com a nova camisa. As vencedoras da partida levam o título da 2ª Copa XR-3 de Futebol Feminino. Aberta ao público a partida reúne jogadoras como Patrícia Machado (uma das beldades da coleção de Ayrton Senna), Gisela Marques, Alessandra Berriel, entre outras estrelas dos anúncios de TV e candidatas em potencial ao time das telenovelas (Gatinhas... 1993, 23).

Esta matéria publicada em uma coluna também voltada para o público feminino, nutria um discurso masculino hegemônico sobre o corpo das “modelos jogadoras”, realçando somente as

particularidades relacionadas à sensualidade e à beleza. Deste modo, é possível afirmar que, naquele momento, mulheres praticantes de futebol estavam cada vez mais presentes nos jornais, mesmo que não somente nos cadernos de esportes. Ao que parece, não importava se esta mulher fosse aderir àquele tipo de prática esportiva, simplesmente não cabia ali colocar se ela apresentava habilidades — salientava-se mais uma vez as características do que era ser mulher, do que deveria representar sua figura.

Segundo Fabiano Devidé (2005, p. 48), “mulheres atletas frequentemente deparam-se com o impasse de como ultrapassar o abismo entre as expectativas culturais de sua feminilidade e os requisitos da excelência atlética”. Sobre esse aspecto, não somente as praticantes informais enfrentavam tais obstáculos. Laila Danielsen, atleta bem conhecida no meio futebolístico naquele período, foi referenciada pelo *Jornal do Brasil* da seguinte maneira: “O corpo dessa norueguesa de 1,70m é delicado e feminino, e seus movimentos ao fazer embaixadas são graciosos e deixam perceber a técnica de uma meio-campista cuja principal qualidade é distribuir bem o jogo” (As americanas... 1994, 34). Corroborando com Devidé (2005), o jornal enfatizava preceitos culturais de feminilidade esperados da mulher.

No âmbito da prática do futebol de mulheres, sensualidade e beleza começavam então a se caracterizar como as principais qualidades da imagem da mulher daquela década. Isso ficava evidente em uma reportagem do *Jornal do Brasil*, sobre a boa atuação do time do Fluminense: a “[...] atriz e musa Suzana Werner” é “camisa 10 de uma equipe que inclui beldades boas de bola” (Tricolores... 1996, 28). Mesmo no caso de Danielsen, em que se ressaltavam suas qualidades técnicas e capacidades de distribuição de jogo, ainda é perceptível um olhar masculino que destacava atributos físicos que marcavam determinada condição de ser mulher. A graciosidade, a delicadeza e de seus gestos pareciam fazer parte considerável de um corpo naturalizado como “feminino”. Nesse sentido, acentuando a beleza das jogadoras e os atributos considerados femininos em detrimento às habilidades técnicas, o jornal *O Estado de S. Paulo* destacava:

A graça e a garra das meninas, sua potência, por que não? Muitas jogadoras bonitas, muitos gols, o couro come também entre elas, jogam duro as garotas, mas com uma agilidade e mobilidade que talvez os homens estejam perdendo na obsessão defensiva e violenta [...] (Motta 1994, 6).

O excerto de uma crônica assinada por Nelson Motta, jornalista reconhecido em seu meio, correspondente em Nova Iorque, foi destacado de um texto jornalístico que tinha como objetivo descrever a situação do futebol nos Estados Unidos na década de 1990. Ao longo de seu texto, ele valorizou o sucesso do futebol de mulheres naquele país e afirmava que, anteriormente, o futebol não era tão desenvolvido por lá, fazendo referência, na verdade, ao futebol praticado pelos homens. Contestava e exclamava o jornalista:

Está sendo duro vender a Copa para o público americano, com base no que aconteceu na última. Mas a Fifa diz que nada será como antes, que com as novas regras o jogo vai melhorar, voltar a ser emocionante. Ao mesmo tempo, começam a soar indícios de um fenômeno interessante aqui: o futebol é o esporte que mais cresce nas universidades americanas. O futebol feminino, porque os garotos continuam no beisebol-basquete-futebol americano. É isso mesmo, as garotas americanas estão batendo um bolão. E quem sabe, num futuro próximo, não virá através delas a definitiva introdução (epa!) do futebol nos Estados Unidos [...] (Motta 1994, 6).

Motta criticava o futebol masculino que estava “abandonando” um jogo mais individual e habilidoso, em função de outro, agora mais tático e duro, o que para ele deixava o esporte desinteressante, afastando, inclusive, os norte-americanos. Ainda fez questão de enfatizar a ascensão obtida pelo futebol de mulheres nos EUA, já que o masculino não causava a mesma sensação. O êxito alcançado pelas mulheres no futebol nos Estados Unidos não foi efêmero, persistindo ao longo dos anos 1990, a ponto deste país se candidatar e receber a Copa do Mundo de Futebol Feminino em 1999 (Grainey 2012; Markovits e Hellerman 2003). Uma das surpresas causadas pelo esporte que estava em ascensão por lá foi o público, bem acima do esperado no campeonato, fato que ganhou destaque em matérias nos jornais (A força... 1999, 39).

Entre a crônica de Motta e a Copa do Mundo que ocorreu nos Estados Unidos passaram-se aproximadamente cinco anos. O tempo não fez com que o futebol de mulheres minguasse por lá, ao contrário, ele só cresceu e se desenvolveu cada vez mais.

Por aqui, uma página do *Jornal do Brasil* que se voltava a assuntos televisivos realçava a vaidade, a graciosidade, além do nível social das norte-americanas para diferenciá-las física, cultural e economicamente das brasileiras.

[...] Sem preconceitos, deu para perceber que, ao contrário das nossas craques, as americanas eram todas estudantes, da classe média, articuladas, vaidosas nos seus penteados, principalmente graciosas no belo tratar da bola. Na hora da cobrança dos pênaltis elas ficaram ali pelo grande círculo, concentradas, quando muito, uma ou outra roendo unhas. As brasileiras ficaram de mãos dadas, dentro e fora do campo, naquela tolice de corrente positiva, chorando e, possivelmente, rezando (Para machão... 1996, 5).

Claramente havia uma crítica à postura das jogadoras brasileiras, que supostamente lembrava um futebol mais informal quando recorriam a uma força divina. Dessa maneira, na fala do jornalista dava-se a entender que, frente às norte-americanas, as atletas brasileiras não buscavam por um treinamento mais especializado. Por outro lado, havia também a intenção de ampliar o futebol como um produto de consumo entre as mulheres, como um esporte que gera audiência e interesse. Por isso, eram frequentes as alusões a uma suposta superação do machismo naquele período.

[...] Estamos nos 90 e, glorioso sinal dos tempos, o último bastião machista do esporte brasileiro começa a desmoronar. Semana passada, a Band e a ESPN Brasil transmitiram um torneio internacional de futebol feminino, realizado no interior de São Paulo, desculpem o pleonasma. Com a qualidade de transmissão usada quando jogam os barbados (Para machão... 1996, 5).

A mesma matéria que festejava o fim do machismo, insistia em representar as mulheres, a partir do exemplo das atletas norte-americanas, como representantes ideais de uma feminilidade, valorizando a estética corporal. As narrativas construídas pelos jornais sobre as mulheres no futebol permeavam um campo no mínimo inusitado, entre afirmações e interrogações do que a mulher podia ou não podia fazer, e do que ela era capaz ou não. Em uma perspectiva pendular, parte da mídia impressa oscilava entre as tentativas de apontar certas habilidades técnicas na prática esportiva, desconstruindo muitas vezes o pensamento recorrente de que as mulheres não tinham condição de se desenvolver nesse esporte e, contrariamente, ainda reproduziam um discurso atrelado aos atributos de beleza e sensualidade de algumas mulheres esportistas.

Os jornais estudados também produziam constantes comparações entre o futebol de mulheres e de homens. O *Jornal do Brasil* elogiava a atuação da jogadora Cenira: “[...] O hábito de jogar entre os homens talvez tenha lhe dado um certo estilo Dunga dentro dos campos. ‘Eu estou sempre lutando. Gosto de falar muito, gritando, cobrando, exigindo. Sou muito chata mesmo’, conta. [...]” (Uma paixão... 1996, 6). Se o jornal partia desta comparação que ressaltava a luta como um atributo masculino de forma naturalizada, a jogadora confirmava, dizendo que “brigava” em campo. A postura exposta na notícia e afirmada por Cenira era a mesma que tinha o jogador Dunga, como ressaltava o periódico. Sobre esta perspectiva da comparação e da falta, aproximamos das leituras de Judith Butler, quando a autora enfatiza que há uma lógica construída socialmente na qual a mulher seria o complemento ou parte ausente do homem em vários aspectos. Determiná-la apenas como um outro ser do homem, sem uma identidade própria, é estratégia recorrente para autoafirmação e dominação masculina (Butler 2016). Essa perspectiva elucida os arranjos presentes no futebol: a disposição para a comparação era usada frequentemente para não validar habilidades específicas do jogo das mulheres e sua participação efetiva em campo. Perante os olhos de quem acompanhava ou mesmo de quem praticava, confrontava-se uma busca permanente da comparação com a prática masculina.

Esses indícios enfatizavam uma vez mais que, para esta imprensa, não importava o empenho, a potência, a dedicação, o esforço e a busca pelo melhor futebol. Lá, no campo, como insistia, lugar onde a bola agora passava a rolar firmemente, o que não faltava era a beleza, a sensualidade, o

charme, e, se algum futebol aparecesse, seria a busca por um futebol semelhante ao masculino. Consequentemente, valorizava-se a comparação com o futebol jogado pelos homens brasileiros.

Por exemplo, em uma reportagem do *Jornal do Brasil* foi entrevistada uma garota de nome Sandra Ramos, que fazia parte de um time formado improvisadamente na cidade do Rio de Janeiro, dentro de um condomínio chamado Eldorado, no ano de 1995, e, ao que tudo indica, não tinha pretensões de participar de competições. Mas, como enfatizou o jornal, a equipe “conseguiu se impor” e foi disputar campeonatos e até venceu alguns. Mesmo com o grande destaque em relação ao desempenho esportivo daquelas mulheres, o jornal refletia as representações construídas pelo público leitor masculino e por parte das jogadoras, como a atleta Sandra, que também ressaltava a beleza da companheira de equipe Bárbara.

A meio-campo Bárbara Bassols, 19 anos, é considerada a craque do time. ‘A Bárbara dá personalidade à equipe. Ela é bonita, feminina, tem técnica e possui um domínio de bola capaz de impressionar muito marmanjo’, elogia a colega Sandra Ramos, 18 anos, que joga na lateral (Mulheres... 1996, 6).

A atleta Sandra Ramos avaliava que sua companheira de time estava no nível dos homens e que, se eles a assistissem jogar, ficariam maravilhados. Entretanto, além de evidenciar a técnica da atleta, mencionava sua beleza. Corroborando com as interpretações de Ludmila Mourão e Marcia Morel (2005), na década de 1990, agregava-se a beleza ao jogo no futebol de mulheres.

Nesse sentido, Franzini (2005), a partir de um prisma sociológico e compreendendo que o futebol é, para além de um espaço esportivo, um espaço sociocultural, conclui que não haveria lógica para a sociedade em validar a participação efetiva das mulheres no futebol, pois isso confundiria os princípios arraigados de que, ao contrário das mulheres, os homens eram “naturalmente” preparados para isso. Assim, a persistência das mulheres para entrar e permanecer em campo ameaçava aquele sistema vigente. Acentuar, então, a prática dos homens como muito superior à das mulheres constituía-se num esforço para que não se perdessem os ideais hegemônicos que o futebol representava na sociedade brasileira. Silvana Goellner (2003, 128) afirma que, “[...] o trabalho corporal feminino simboliza [...] uma intimidação à supremacia do homem nas competições atléticas, domínio este que parece ser inato ao seu sexo”.

Logo, a retomada das mulheres no futebol brasileiro a partir dos anos 1980 e 1990 foi marcada e concebida de forma conflituosa e, por vezes, silenciosa. Esse esporte, considerado inúmeras vezes “marginal”, não deixou de acontecer nem no período de sua interdição, entre 1941 e 1979, quando as jogadoras precisavam usar de sagacidade para burlar as confederações esportivas e as instituições que o coíbiam (Silva 2015). O que se quer aqui é enfatizar que desde 1921, mais antigo registro de uma partida realizada por mulheres no Brasil⁵, a 1990, o futebol praticado por mulheres não deixou de estar presente no cenário brasileiro, mesmo que durante muito tempo sem permissão e, depois, com pouca visibilidade. Deste modo, já com a prática anunciada nos jornais, havia ainda interdições veladas que limitavam as jogadoras ou as praticantes. Pode-se dizer que isso perpassava as representações veiculadas pelos jornais, que insistiam em salientar e dar mais valorização à beleza e à sensualidade do que privilegiar as habilidades que as mulheres possuíam.

Enfim, tais fatores apontavam para uma prática das mulheres no futebol não totalmente consolidada. Não fica claro, entretanto, se esta variedade de representações das mulheres futebolistas na grande imprensa colaborava para uma estabilização ou desestabilização da modalidade. Contudo, neste contexto de aparentes embates, noticiava-se nos jornais cada vez mais o futebol praticado pelas mulheres. Em função disto, um determinado aspecto não escaparia aos olhos de quem acompanhava aquele futebol: a lesbofobia. Como um “mal” a ser combatido, o tema era abordado nas páginas dos jornais. A partir da “sapatão” viria a imputação e, no sentido de tornar legítima a anunciação de jogadoras de futebol por determinados padrões de beleza, as chamadas atletas “beldades” ratificaram a prática desse esporte, construindo uma representação que

⁵ Morel e Salles (2005, 262), no *Atlas do Esporte*, afirmam que há registros de uma partida realizada por mulheres, em São Paulo, em 1921. O jogo em questão foi entre “senhoritas Tremembenses e senhoritas Catareirenses”, nas dependências do Tremembé F.C.

normatizava os comportamentos considerados socialmente “aceitos” na sociedade brasileira. Neste âmbito, era perceptível um silenciamento sobre a prática de jogadoras que escapassem a estes padrões. Como explicam Viviane Silveira e Alexandre Vaz (2014), as mulheres “masculinizadas”, consideradas deste modo por seus corpos atléticos e fortes, são insultadas e criticadas de forma semelhante às estigmatizadas como lésbicas.

Como se poderá observar a seguir, no caso do futebol de mulheres, as expectativas sociais resultaram especialmente em lesbofobia, que por sua vez tende a gerar a estigmatização e o enquadramento estereotipado das jogadoras por nem sempre se adequarem a performances de gênero conforme aos padrões hegemônicos de feminilidade vigentes na sociedade brasileira. Por isso, os discursos jornalísticos acessados nesta pesquisa insistem em construir uma identidade estável sobre o feminino e o masculino, como apontam Viviane Silveira e Alexandre Vaz (2014) em relação à lesbofobia no esporte em termos mais amplos. Observações similares foram feitas também em outros países, como demonstram, por exemplo, os estudos de Caroline Fusco (1998) sobre atletas lésbicas nos Estados Unidos e de Barbara Cox e Shona Thompson (2001) sobre mulheres, futebol e sexualidade na Austrália. Para Mariane Pisani e Maurício Pinto (2021, 2), “o machismo e a LGBTfobia são estruturantes do campo futebolístico, uma vez que mulheres e pessoas LGBTQI+ são ainda constantemente interpeladas e veem a sua presença nesse campo ser recorrentemente questionada e mesmo depreciada”.

Lesbofobia: existe ‘sapatão’ no futebol?

A meio-campo Bárbara Bassols, 19 anos, é considerada a craque do time. ‘A Bárbara dá personalidade à equipe. Ela é bonita, feminina, tem técnica e possui um domínio de bola capaz de impressionar muito marmanjo’, elogia a colega Sandra Ramos, 18 anos, que joga na lateral (Mulheres... 1996, 6).

Neste cenário, dois pontos principais chamam a atenção quando se explora a questão da lesbofobia na prática do futebol de mulheres. Novamente aparecerá a preocupação com a imagem da mulher feminina ou sua masculinização, associadas agora à sua orientação sexual, utilizando-se de estratégias para julgar a sexualidade das praticantes e das jogadoras, aspecto que muitas vezes se sobressaía ao futebol exibido por elas, numa busca por controlá-las socialmente em função da normatização vigente (Altmann e Reis 2013). Para além da lesbofobia, há outro elemento que despontará conjuntamente nas fontes jornalísticas: o assédio. Nesse sentido, afirmava o *Jornal do Brasil*:

[...] Andreia é considerada uma das melhores jogadoras e sempre leva para casa o título de artilheira e destaque das competições. Sem falar nos títulos de jogadora mais bonita e mais namoradeira. Andreia confessa que gosta do assédio e tenta mandar para escanteio a imagem de que o futebol feminino, mesmo na areia, masculiniza as meninas. ‘Cabe a nós, mulheres, mantermos uma imagem bem feminina. Procuro jogar sempre bem bonita e tenho a fama de namoradeira porque sou comunicativa e atraio a atenção dos rapazes que assistem aos jogos’, conta Andreia (O caminho... 1997, 4).

Nos fragmentos apresentados, a beleza e a erotização do corpo da mulher não são usadas para demarcar somente sua feminilidade, mas também para afirmar sua sexualidade. O preconceito velado a que estavam submetidas as mulheres entrevistadas parecia enunciar o que vivenciavam as jogadoras de futebol. Não havia apenas um questionamento e estranhamento sobre a sexualidade, mas sim uma tentativa de exclusão daquele espaço, ainda que não tivessem a orientação sexual assumida. Dessa forma, como alude Mariane Pisani (2018) é preciso reconhecer que a categoria “mulher” não pode ser essencializada, ressaltando-se, ao contrário, as diferenças entre elas. Os discursos jornalísticos analisados nesta pesquisa vão no sentido oposto, apagando as diferenças. Uma reportagem do *Jornal do Brasil* mostrava o bom andamento da escolinha de futebol do ex-jogador Zico. Uma praticante apontou as indagações sobre sua sexualidade quando começou a praticar o esporte ali: “[...] ‘No início implicaram com a gente, mas depois aplaudiram de pé’,

lembra a menina, ainda vítima de preconceito. ‘Dizem que menina que joga bola é sapatão. Mas o que tem de gay jogando em time masculino...’” (Sem título 1996, 18). As acusações enfatizadas por ela destinavam-se a uma eliminação da homossexualidade daquele espaço. Contudo, a novata praticante invertia o jogo quando dizia que no futebol havia tanto mulheres quanto homens homossexuais. Preferiu apontar e ao mesmo tempo ironizar a situação, no lugar de declarar que precisariam de mulheres que aparentassem feminilidade naquele esporte.

Assim, as mulheres das duas primeiras entrevistas acima, vistas como femininas, buscavam assumir uma normatização do comportamento das mulheres. Relacionando a acusação indicada pela mulher que jogava na escolinha de Zico e a queixa feita pelas outras duas praticantes que jogavam futebol na praia, o julgamento, a abominação e a contenção sobre a masculinização e a sexualidade das mulheres estavam presentes e contribuíam paulatinamente para uma construção social de um futebol mais relacionado com uma feminilidade hegemônica.

As composições dos textos, as abordagens feitas sobre essa questão anunciavam e também declaravam intolerância ao acentuar a feminização daquele futebol para que ele pudesse se consolidar. Atestava-se isso no relato, por exemplo, que o *Jornal do Brasil* publicou da ala do time de beach soccer, Patrícia: “Tudo bem que ainda tem homossexual no futebol feminino, mas também já existe muita menininha de família jogando futebol. Aos poucos, esse esporte será feminino de verdade” (Mulheres... 1997, 4). Sua fala denunciava quais tipos de mulheres deveriam passar definitivamente a ocupar aquele espaço. Dessa maneira, tais mulheres acabavam reproduzindo e materializando um discurso hegemônico e normativo de feminilidade. Preocupando-se pouco com as habilidades esportivas daquelas mulheres, havia uma intenção de interdição em relação à presença de mulheres consideradas masculinizadas no futebol. Para Pires (2021) trata-se de pensar as mulheres no esporte como atletas que não poderiam ser conformadas a um tipo específico de feminilidade. Em seus termos:

Devemos nos perguntar: como ainda é possível manter a composição desse enquadramento moral no mundo esportivo usando da ‘imaginação binária’ e da ‘violência de gênero’ para assegurar sua estabilidade? Em alguns momentos celebrando a excepcionalidade da diferença em corpos femininos, mas normalmente marcando, corrigindo ou banindo corpos considerados atípicos e excessivamente masculinos (Pires 2021, 11).

As inquietações e imposições expostas apareciam desde a época do Esporte Clube Radar, quando os considerados eventos de “homossexualismo”⁶ eram frequentemente denunciados pelos jornais, como aconteceu no Estado de S. Paulo: “Depois ‘de alguns episódios de homossexualismo na época do Radar (equipe dos anos 80), o futebol feminino de praia está mudando sua imagem’, diz Francisco Carneiro, presidente da federação” (Brasil... 1996, 5).

Levando em conta tais observações, considerava-se que no futebol, a maioria das jogadoras ainda era representada como masculinizada e, conseqüentemente, estereotipada como homossexual. Tais apreensões de que o futebol masculinizava as mulheres eram aparentemente constantes; assim, a entrada de jogadoras mais “femininas” criava condições para a construção de uma “nova imagem” do esporte perante à sociedade brasileira: “A atacante gaúcha Isabel Nunes, de 28 anos, prova que jogar bola não tira a feminilidade. Ela se tornou a musa da seleção” (Brasileiras... 1995, G8).

Estas inquietudes com o futebol de mulheres na década de 1990 demonstravam que esse esporte passava a ter também maior visibilidade na imprensa. Nessa perspectiva, enquetes eram feitas com personalidades do meio artístico e do meio esportivo para opinarem sobre esta prática esportiva. Exemplo disso é a resposta do atleta Robson Caetano para o *Jornal do Brasil*:

⁶ Conforme Carneiro (2015), a homossexualidade foi patologizada especificamente no ano de 1948 pela Organização Mundial de Saúde (OMS). O termo “homossexualismo” empregado naquela mesma época simbolizava pelo sufixo “ismo” um indicativo de doença. O Brasil despatologizaria a homossexualidade em 1985, tal fato precede a despatologização mundial em 1990 pela OMS. Nesse sentido, na década de 1990, nas fontes jornalísticas, as narrativas sobre futebol feminino continuaram a utilizar da palavra “homossexualismo”, sinônimo de doença. Por isso, preferiu-se manter o vocábulo recorrente nas fontes, analisando sua utilização nesse contexto.

É um esporte casca-grossa para mulher. Tira a feminilidade até porque elas perdem a paciência mais facilmente que os homens. Até namoraria uma garota que jogasse futebol, mas tentaria mostrar que é um esporte sujeito a caneladas e joelhadas que ficam melhores para homens (Futebol... 1991, 33).

Discursos como o de Robson Caetano eram frequentes ao julgar a prática de futebol como dispare para as mulheres de uma forma geral. Ao resistir a estas representações sobre a prática e sobre as mulheres, jogadoras masculinizadas eram também excluídas das entrevistas, sendo silenciadas sobre o tema. Silvana Goellner (2005) já havia abordado a “masculinização da mulher e a naturalização da representação de feminilidade” no futebol como pontos principais em um de seus trabalhos para esclarecer a falta de visibilidade para o futebol de mulheres. A naturalização do que era ser mulher, a responsabilidade pela beleza e por uma feminilidade que deveria ser mantida por elas, eram imposições socialmente atribuídas aos papéis sociais determinados arbitrariamente às mulheres. Em campo, isso não era diferente e as jogadoras eram conduzidas sobre como agir ou não, reafirmando e sustentando características impostas para satisfazer um público masculino, considerado predominante no futebol.

Tais determinações sobre gênero propositadamente voltadas apenas para as mulheres são tratadas por Butler (2016) ao enfatizar que, quando se remete a gênero, não há variabilidade de identificação com ambos os sexos, mas somente circunscreve-se nele as mulheres. Butler ainda afirma que “a ‘unidade’ do gênero é o efeito de uma prática reguladora que busca uniformizar a identidade do gênero por via da heterossexualidade compulsória” (Butler 2016, 67).

Desse modo, para elucidar ainda mais as exclusões e as resistências para considerar as muitas formas de ser mulher, observa-se aqui três reportagens que indicavam as conquistas alcançadas pela seleção brasileira. A conquista de títulos era narrada pelo *Jornal do Brasil*, “A seleção brasileira de futebol feminino conquistou ontem, no Estádio João Havelange, em Uberlândia, Minas Gerais, o bicampeonato sul-americano, ao derrotar por 2 a 0 a equipe da Argentina” (Seleção... 1995, 1). *O Estado de S. Paulo* enfatizou uma classificação não esperada da seleção para “disputar o bronze” no Mundial dos EUA, em 1999 (Brasileiras... 1999a, 5). Essa classificação posteriormente resultaria, como aclamava também *O Estado de S. Paulo*, em um “inédito terceiro lugar” conquistado na Copa do Mundo de Futebol Feminino em 1999 (Brasileiras... 1999b, 5).

Contudo, tais conquistas não foram suficientes para se sobrepor à maior preocupação do então técnico Wilsinho: a homossexualidade dentro do futebol feminino, pejorativamente colocada por ele pelo uso do termo “sapatão”⁷, que invariavelmente se relacionava a mulheres masculinizadas. Verifica-se isso na entrevista cedida pelo treinador para *O Estado de S. Paulo*, em que, ao reproduzir essa expressão em sua fala, conseqüentemente afirmava a existência de apenas um tipo de mulher, esbravejando que “no Brasil, todo mundo pensa que futebol não é esporte de mulher, que só sapatão joga” (Brasileiras 1999b, 5). Outros aspectos referentes ao futebol de mulheres também eram apontados pelo treinador, como resultados tão expressivos e dificuldades no não recebimento de salário para representar a seleção em competições de alto nível: “É um grande desafio, se você considerar que nossas meninas param de ganhar salário quando jogam pela seleção” (Brasileiras... 1999b, 5). Ainda que a questão salarial fosse apontada como fator realmente importante para dar seqüência e condições mais estáveis para as atletas jogarem, as representações sobre as mulheres no futebol ficam evidenciadas na fala do treinador por conta de sua apreensão quanto à sexualidade das mulheres dentro do futebol, voltada principalmente para aquelas que eram consideradas masculinizadas. Nesse sentido, isso também indicava que nesse esporte a heterossexualidade se estabeleceria tanto a partir das jogadoras da seleção quanto das praticantes informais.

Seguia advertindo o *Jornal do Brasil* em uma reportagem sobre as mulheres praticantes de esportes na areia: “Dos esportes femininos de praia, é no futebol que o homossexualismo está mais presente” (A vaidade... 1997, 5). Este periódico dedicou uma página inteira com títulos diferenciados para

⁷ “Sapatão”, nas narrativas dos jornais parecia ser sinônimo do futebol jogado por mulheres daquela década. Aparentemente chamar de “sapatão” configurava-se em gerar constrangimento para jogadoras ou praticantes daquele esporte. Afirma-se que, essa palavra ao ser ressignificada por mulheres lésbicas se tornaria sinônimo de honra, grandeza, força, empoderamento e não mais inferiorização, difamação e injúria. Declarar-se como “sapatão” significava fazer parte de um movimento identitário (Ribeiro, 2012).

abordar assuntos que englobavam quais esportes aquelas garotas mais praticavam e sobretudo sua sexualidade. Dentre esses esportes, o futebol se destacava como uma prática em que a homossexualidade era questão predominante, levando o jornal a alertar que:

É um esporte casca-grossa para mulher. Tira a feminilidade até porque elas perdem a paciência mais facilmente que os homens. Até namoraria uma garota que jogasse futebol, mas tentaria mostrar que é um esporte sujeito a caneladas e joelhadas que ficam melhores para homens (Futebol... 1991, 33).

Aqui identificava-se outro aspecto abordado como um campo fértil para interpelações da imprensa: o assédio. Estranhamente, o assédio era considerado como tal apenas quando vinha das mulheres, mas não quando dos homens. Não apenas a jornalista que escreveu a matéria, Martha Ferreira, estabelecia a questão dessa maneira, mas as jogadoras interrogadas também. Quando vindo de outras mulheres, era um incômodo, mas partindo de homens, julgava-se um elogio. “Como Patrícia, muitas preferem mais se exercitar na areia do que em academias. Sem falar que ganham pontos com os meninos quando dizem que são jogadoras de beach soccer” (O caminho... 1997, 4)⁸.

Além disso, a extensa matéria do *Jornal do Brasil*, mencionada acima, sobre as mulheres que praticavam esportes e, principalmente, futebol nas areias cariocas teve outra particularidade digna de atenção. Houve um silenciamento da imprensa estudada neste trabalho em relação às vozes das mulheres homossexuais. Estas mulheres, em todo o corpo documental da pesquisa, são suprimidas das entrevistas.

O “homossexualismo”, como utilizado naquele período pelos jornais estudados, era mais uma característica evidenciada no sentido de desconstrução da representação do futebol de mulheres atrelado às homossexuais. A “sapatão” e a masculinização da mulher nesse esporte prevaleciam frente a qualquer valorização de suas competências e ao ímpeto de jogadoras e praticantes para elevar o futebol de mulheres em nível internacional nas competições mais importantes.

Considerações finais

Explorando as representações da imprensa escrita, particularmente uma mídia dos grandes jornais, sobre as mulheres na prática de futebol, foram destacados os discursos que evidenciavam as mulheres consideradas “bem femininas”, ou, ainda, as “femininas e sensuais”. A complexidade na construção das representações transformava o futebol praticado por mulheres e, principalmente, a seleção brasileira, em algo esportivamente singular. Reafirmava-se, a partir do futebol, a normatização do que se considerava ser mulher em uma “luta de representações” que apagava “corpos dissonantes” (Camargo 2016), marcadamente aqueles considerados desviantes da “norma”, que se afastam, por exemplo, dos idealizados padrões de beleza, estética (Camargo 2016).

Assim, a mídia impressa evidenciava determinados padrões de feminilidade em detrimento de outros. Se os “corpos dissonantes” das lésbicas no futebol causavam estranheza, outros eram motivo de exaltação em campo, e este jogo de representações acabava por reforçar apenas duas possibilidades de ser feminina: ou aquela instituída desde a metade do século XIX, da mulher do lar, dócil, delicada, frágil (Rago 2014; Goellner 2003), ou a nova do final do século XX, emancipada, mas carnal, robusta, exuberante, sensual, erotizada (Goellner 2005). A mídia, portanto, reproduzia e reforçava em seus discursos um padrão de feminilidade, que não aceitava aqueles corpos e comportamentos que não se encaixavam na norma construída socialmente. Nessa imprensa dos grandes jornais, dominada por homens e, em muitos casos, dirigida a um público masculino, também excluídas as diferenças entre eles, as jogadoras eram objeto dos olhares e de uma moral misógina que as comparava com determinadas expectativas de feminilidade que não

⁸ Este ambiente homofóbico não é exclusivo do contexto brasileiro. Ele apresenta similaridades, por exemplo, ao encontrado por Barbara Cox e Shona Thompson (2001) em estudo sobre jogadoras de futebol em equipes de elite australianas. Ao se questionarem sobre o porquê de as atletas mulheres, tanto heterossexuais como homossexuais, considerarem necessário aparentar heterossexualidade, as autoras afirmam que todas as jogadoras são afetadas pela homofobia e o homonegativismo: atletas homossexuais são pressionadas a fazer-se passar por heterossexuais, enquanto as atletas heterossexuais são pressionadas a distanciar-se daquelas colegas de equipe identificadas como homossexuais, reforçando uma imagem construída segundo as normas dominantes de feminilidade.

aceitavam traços distintos dos pré-estabelecidos socialmente, muito menos aqueles considerados masculinizados.

Pode-se afirmar que ainda predominava na grande imprensa brasileira dos anos 1990 uma preocupação com o corpo feminino, com a compatibilidade do que a mulher se propunha a fazer com seu corpo; pouco se olhava para suas habilidades ou potencialidades esportivas.

Essas imprecisões nas construções e nas possíveis transformações do que era ser mulher, dos antigos aos novos discursos vigentes, contribuíam para representações ambíguas feitas pela imprensa sobre o futebol de mulheres e sobre a seleção brasileira. Uma subjetividade disfarçada de aparente objetividade jornalística acerca do futebol de mulheres, constituía dessa maneira um novo cenário para a modalidade. Por fim, ainda que de forma bastante contraditória, o futebol de mulheres brasileiro ganhou visibilidade na grande imprensa escrita durante a década de 1990, especialmente a partir de sua seleção nacional.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001" e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – Processo n. 304575/2021-6.

Fontes

- Jornal do Brasil*. 1991. “Brasil não acompanha evolução do futebol”. 1 de dezembro de 1991.
- Jornal do Brasil*. 1991. “Futebol é jogo para mulher?”. 17 de novembro de 1991.
- Jornal do Brasil*. 1992. “Ouro, prata e bronze”. 14 de agosto de 1992.
- Jornal do Brasil*. 1993. “Gatinhas muito boas de bola”. 5 de fevereiro de 1993.
- Jornal do Brasil*. 1994. “As americanas vão a campo e mostram todo seu talento”. 29 de maio de 1994.
- Jornal do Brasil*. 1995. “Seleção feminina campeã no futebol”. 22 de janeiro de 1995.
- Jornal do Brasil*. 1996. “Mulheres jogam para vencer”. 15 de fevereiro de 1996.
- Jornal do Brasil*. 1996. “Para machão nenhum colocar defeito”. 27 de janeiro de 1996.
- Jornal do Brasil*. 1996. “Sem título”. 15 de dezembro de 1996.
- Jornal do Brasil*. 1996. “Tricolores, até quando?”. 06 de outubro de 1996.
- Jornal do Brasil*. 1996. “Uma paixão pela bola”. 7 de abril de 1996.
- Jornal do Brasil*. 1997. “A vaidade vai à praia com elas.” 8 junho de 1997.
- Jornal do Brasil*. 1997. “Assédio sexual, o incômodo”. 8 junho de 1997.
- Jornal do Brasil*. 1997. “Mulheres de areia”. 8 de junho de 1997.
- Jornal do Brasil*. 1997. “O caminho para chegar ao futebol”. 8 de junho de 1997.
- Jornal do Brasil*. 1999. “A força da bola feminina”. 13 de junho de 1999.
- Motta, Nelson. 1994. “Americanos e futebol: a bola e as mulheres”. *O Estado de S. Paulo*, 7 de abril de 1994.
- O Estado de S. Paulo*. 1991. “Mulheres querem dar exemplo”. 22 de setembro de 1991.
- O Estado de S. Paulo*. 1995. “Brasileiras buscam primeira vitória mundial no futebol”. 16 de fevereiro de 1995.
- O Estado de S. Paulo*. 1996. “Brasil tem 750 jogadoras e a China, 23 milhões”. 18 de novembro de 1996.
- O Estado de S. Paulo*. 1996. “Nossas atletas na olimpíada”. 30 de junho de 1996.
- O Estado de S. Paulo*. 1999. “Brasileiras, em alta, querem o reconhecimento”. 11 de julho de 1999.
- O Estado de S. Paulo*. 1999. “Brasileiras perdem e vão disputar bronze no mundial”. 05 de julho de 1999.
- O Fluminense*. 1991. “China e Noruega inauguram mundial”. 16 novembro de 1991.
- O Fluminense*. 1995. “Cenira começou na praia”. 29 de janeiro de 1995.

Referências Bibliográficas

- Altmann, Helena e Heloisa Helena Baldy dos Reis. 2013. “Futsal feminino na América do Sul: trajetórias de enfrentamentos e de conquistas”. *Movimento* 19, n.º 3: 211-232.
- Anjos, Luiza A., Pamela S. Joras, Suellen S. Ramos e Silvana Vilodre Goellner. 2018. “Guerreiras Project: futebol e empoderamento de mulheres”. *Revista Estudos Feministas* 26, n.º 1: 1-12.
- Butler, Judith. 2016. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Camargo, Wagner Xavier. 2016. “Dilemas insurgentes no esporte: as práticas esportivas dissonantes”. *Movimento* 22, n.º 4: 1337-50.
- Capelato, Maria Helena e Maria Lígia Prado. 1980. *O bravo matutino: imprensa e ideologia: o Jornal O Estado de S. Paulo*. São Paulo: Alfa-Omega.
- Carneiro, Ailton José dos Santos. 2015. “A morte da clínica: movimento homossexual e luta pela despatologização da homossexualidade no Brasil (1978-1990)”. Em *XXVIII Simpósio Nacional De História*, 1-10. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.
- Chartier, Roger. 2002. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel.
- Cox, Barbara e Shona Thompson. 2001. “Facing the bogey: women, football and sexuality”. *Football Studies* 4, n.º 2: 7-24.
- Devide, Fabiano Pires. 2005. *Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos*. Ijuí: Unijuí.
- Franzini, Fábio. 2005. “Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol”. *Revista Brasileira de História* 25, n.º 50: 315-28.
- Fusco, Caroline. 1998. “Setting the record straight: the experiences of lesbian athletes”. *Atlantis* 23, n.º 1: 69-79.
- Goellner, Silvana Vilodre. 2021. “Women and football in Brazil: discontinuities, resistance and resilience”. *Movimento* 27: e27001.
- Goellner, Silvana Vilodre e Claudia S. Kessler. 2018. “A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil”. *Revista Usp*, n.º 117: 31-38.
- Goellner, Silvana Vilodre. 2005. “Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades”. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte* 19, n.º 2: 143-51.
- Goellner, Silvana Vilodre. 2003. *Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Física*. Ijuí: Unijuí.
- Grainey, Timothy F. 2012. *Beyond Bend It Like Beckham: The Global Phenomenon of Women’s Soccer*. Lincoln: University of Nebraska Press.
- Hoffman, Annette R e Silke Sinning. 2016. “From Being Excluded to Becoming World Champions: Female Football Coaches in Germany”. *The International Journal of the History of Sport* 33, n.º 14: 1652-68. <https://doi.org/10.1080/09523367.2017.1307181>
- Kessler, Cláudia Samuel. 2012. “Se é futebol. é masculino?”. *Sociologias Plurais*, n.º especial 1: 240-54.
- Luca, Tania Regina. 2005. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. Em *Fontes históricas*, editado por Carla Bassanezi Pinsky, 111-53. São Paulo: Editora Contexto.
- Markovits, Andrei S. e Steven L. Hellerman. 2003. “Women’s soccer in the United States: Yet another American ‘Exceptionalism’”. *Soccer & Society* 4, n.º 2-3: 14-29. <https://doi.org/10.1080/14660970512331390805>.
- Morel, Marcia e Jorge Geraldo C. Salles. 2005. “Futebol Feminino”. Em *Atlas do esporte no Brasil*, editado por Lamartine Pereira Dacosta, 262-63. Rio de Janeiro: Shape.
- Mourão, Ludmila e Marcia Morel. 2005. “As narrativas sobre o futebol feminino o discurso da mídia impressa em campo.” *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* 26, n.º 2: 73-86.
- Onwumechili, Chuka. 2011. “Urbanization and female football in Nigeria: history and struggle in a ‘man’s game’”. *International Journal of the History of Sport* 28, n.º 15: 2206-19. <https://doi.org/10.1080/09523367.2011.622117>.
- Pires, Barbara Gomes. 2021. “Pânicos de gênero, tecnologias de corpo: regulações da feminilidade no esporte”. *Revista Estudos Feministas* 29, n.º 2: e79320. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n279320>.
- Pisani, Mariane da Silva e Maurício Rodrigues Pinto. 2021. “Expressões e corporalidades de mulheres cis e homens trans no ambiente futebolístico”. *Revista Estudos Feministas* 29, n.º 2: e79331. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n279331>.

- Pisani, Mariane da Silva. 2018. “Sou feita de chuva, sol e barro: o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo 2018”. Doutorado (Pós-Graduação em Antropologia Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- Rago, Margareth. (2014) *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista, Brasil 1890-1930*. São Paulo: Paz e Terra.
- Ribeiro, Daniela Maroja. 2012. “O projeto de Lei Complementar 122 e as lésbicas em Goiás”. Em *Seminário Internacional Fazendo Gênero 10.*, 1-9. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Acesso em 23 de dez. de 2018. http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1384446917_ARQUIVO_DanielaMarojaRibeiro.pdf.
- Rigo, Luiz Carlos, Flávia Garcia Guidotti, Larissa Zanetti Theil e Marcela Amaral. 2008. “Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico”. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* 39, n.º 3: 173-88.
- Salvini, Leila e Wanderley Marchi Júnior. 2016. “‘Guerreiras de chuteiras’ na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro”. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte* 30, n.º 2: 303-11.
- Salvini, Leila e Wanderley Marchi Júnior. 2013. “Uma história do futebol feminino nas páginas da Revista Placar entre os anos de 1980-1990”. *Movimento* 19, n.º 1: 95-115.
- Silva, Giovana Capucim E. 2015. “Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1941 – 1983)”. Dissertação (Mestrado em História Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- Silveira, Viviane Teixeira e Alexandre Fernandes Vas. 2004. “Corpo feminino no esporte: entre heterossexualidade compulsória e lesbofobia”. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* 36, n.º 2: S212-S222. <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/2128>.
- Souza, Maria Thereza Oliveira e André Mendes Capraro. 2020. “Women’s football in Brazil: Memories of the National Team’s Athletes”. *The International Journal of the History of Sport* 37, n.º 5-6: 378-95. <https://doi.org/10.1080/09523367.2020.1757653>.
- Spannenberg, Ana Cristina Menegotto e Cindhi Vieira Belafonte Barros. 2016. “Do impresso ao digital: a história do Jornal do Brasil”. *Revista Observatório* 2, n.º 2: 230-50.

ORCID

Bruna Rafaella Esporta FERNANDES  <http://orcid.org/0000-0002-7591-454X>

Edivaldo GOIS JUNIOR  <http://orcid.org/0000-0002-0521-1937>

Evelise Amgartem QUITZAU  <http://orcid.org/0000-0001-9789-6488>